

## A GUERRA-REVISTA NA SOMBRA DA GRANDE GUERRA

MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

idalinaresina@gmail.com

**RESUMO:** Publicada entre 1926 e 1932, *A GUERRA-REVISTA* ficou a dever-se ao interesse da Liga dos Combatentes da Grande Guerra pelos militares que regressavam doentes e desamparados ao solo nacional e parcialmente ao dever de homenagear os mortos.

A chamada de atenção para os «heróis» fazia-se através de textos e de belíssimas gravuras (que, aliás, já foram estudadas). Dos textos interessaram-me sobretudo os de maior qualidade literária em que predominam os poemas, embora também algumas narrativas em prosa também a tenham, e as peças de teatro. Os versos agrupam-se de vários modos, conferindo ao todo uma interessante variedade e registando múltiplas tonalidades. Dei também especial atenção à apresentação entusiasta da revista e à mágoa pela forçada despedida.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A GUERRA-REVISTA*; Século XX; I Grande Guerra.

**ABSTRACT:** Published between 1926 and 1932, *A GUERRA-REVISTA* (“*THE WAR-MAGAZINE*”) was due to the interest of the Combatants League of the Great War by the soldiers who returned sick and helpless to the national soil and partially to the homage of the dead.

The call for attention to the “heroes” was made through texts and beautiful engravings (which have already been studied). Among the texts I have been interested especially in those of greater literary quality, in which the poems predominate, although some narratives in prose also have it, and some theatre plays. The verses are grouped in several ways, giving the whole an interesting variety and registering multiple tones. I also paid special attention to the enthusiastic presentation of the magazine and to the sorrow caused by the forced farewell.

**KEY-WORDS:** *A GUERRA-REVISTA*; XXth century; I Great War.

### A Abrir

Foi para mim um feliz e comovente achado o encontro com *A GUERRA - REVISTA*, longa publicação até hoje escondida entre antigas obras históricas com que o meu pai tanto gostava de entreter-se<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A GUERRA: REVISTA mensal, órgão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Lisboa: L.C.G.G., 1926-1931.

Descoberta curiosa exatamente quando em pleno século XXI tão oportuna e justamente se multiplicaram os olhares sobre esses dolorosos anos de 1916 a 1918 (participação portuguesa na Grande Guerra) em que os nossos homens tanto sofreram, labutaram e se prestigiaram nas lides guerreiras que estremeceram a Europa (e não só).

Muito se tem escrito e, no nosso tempo, retratado na rádio e na TV, a propósito dos grandes pilares (vitórias ou derrotas) desse tão mortífero desabamento europeu.

Muito se têm publicitado (em vários tons) as labutas nas trincheiras.

Algo se tem intentado trazer até ao presente sobre o significado do armistício de 1918 e as consequências (melhores ou piores) da humilhação da Alemanha.

E, no entanto, pouco (ou muito menos) se têm abordado as mazelas dos que sobreviveram, feridos no corpo e na alma, e tantas vezes desamparados até de familiares e amigos.

A estes iria acudir, dentro das suas possibilidades, a partir da sua fundação em 1924, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje apenas Liga dos Combatentes, como bem se compreende.

Teve esta organização desde o início vários órgãos de penetração, entre os quais esta revista que iremos auscultar.

### **Uma rápida apresentação**

Sobre ela a algumas perguntas há que responder de imediato: quando viu a luz; que teor de informação preferenciava; como se «enfeitou» e conquistou leitores.

A imprensa deu-lhe boa publicidade pelo impacto dos artigos, sem dúvida, mas também pelo excelente aspeto que exibiam as suas capas com os vultos dos heróis e por uma plêiade de gravuras com o perfil dos combatentes ou com símbolos das lutas vencidas.

Gostei de percorrer os 72 números da publicação, de meditar sobre os seus objetivos, sobre o vigor das suas recordações e dos seus enérgicos conselhos para uma mais do que devida convivência entre os que nas batalhas se ajudaram e na paz não podiam desligar-se.

Merece, creio, que se traceje a sua biografia e se esmiúcem um pouco mais detidamente os seus objetivos.

Nasceu em 1926 como órgão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, com o intuito de recordar os que pela pátria tinham lutado e sobretudo os que por ela tinham dado a vida ou, mais especialmente, os que a ela regressaram mutilados e incapazes de reassumir a dignidade a que qualquer ser humano tem

direito.

Tornava-se imprescindível gerar um consenso para uma unidade que proporcionasse contactos dos mutilados entre si e os afastasse da solidão e destes com os portugueses válidos que, numa sociedade muito marcada pelo egoísmo, iam deixando cada qual prisioneiro da sua sorte.

A Liga fará então os necessários alvitre para uma produtiva entreada, e o seu órgão de divulgação multiplicará associados, congregará apoios de várias organizações, conseguirá consultas grátis ou menos dispendiosas em campos como a medicina e o direito, descontos em ramos comerciais sensíveis às dificuldades dos que não tinham como pagar os bens

Nos seis anos de vida, teve *A GUERRA* três diretores esforçados e generosos: Sousa Carrusca, oficial e ex-prisioneiro (1889-1973), Horácio Assis Gonçalves, escritor que viria a ser secretário de Salazar e Governador Civil de Vila Real e Eduardo Faria, escritor, expedicionário e animador convicto de qualquer tarefa de bem fazer.

Por esta meia dúzia de anos caminharemos sem pressa, através prioritariamente (por compreensível decisão minha) dos textos literariamente mais convidativos, mas também sem desnecessárias delongas tendo em conta o rol de coincidências nas revisitações, nas inquietações e nas réstias de esperanças que não morrem.

## O ponto de partida

Antes, porém, e tomada a decisão de prescindir de um retrato individual de cada número de *A GUERRA*, mas para também não faltar de todo um esboço que os espelhe, tentaremos, nesta abertura, circular um pouco pelo primeiro (1 de Janeiro de 1926) e, no remate deste artigo, avizinhar-mos dos últimos (com 71 e 72, no mesmo volume).

O artigo inicial, da autoria do major Ribeiro de Carvalho, abre com pedido aos que se bateram e sobreviveram para o indispensável estreitamento de laços entre eles, no auxílio material e na partilha amiga de sentimentos, inquietações e projetos. Alinham-se hipóteses... e vislumbram-se soluções.

Segue-se uma minuciosa justificação da escolha do título da publicação e, imediatamente após ela, um comovente poema de Silva Tavares «Para o túmulo dos soldados desconhecidos» que leva o batismo de *Inscrição* e reza assim:

*Quem é? Quem foi? Anónimo ignorado  
Morreu e a morte o seu segredo encerra.  
Tudo mistério desde o seu passado*

*Ao nome e aos anos que pisou a terra.  
Chora-o alguém? Amava? Foi amado?  
Trevas tão densas nem o sol descerra.  
Sabe-se apenas que nasceu Soldado  
Honrando a Pátria pois morreu na guerra.*

*Quem quer que sejas... ajoelha e reza  
Qu'importa o nôme? A glória não despreza  
Sublima, exalta o anónimo guerreiro*

*Nobre ou plebeu; mulher, virgem, graça,  
Reza que rezas pela nossa Raça  
Este sem Nôme é Portugal inteiro<sup>2</sup>.*

A propósito de uma reflexão sobre a Sociedade das Nações, retoma-se o problema africano, que, como foi dito, sempre será fator de inquietação ao longo de todo o itinerário d'A GUERRA e faz transbordar, neste caso, o grito final de «Angola é dos Portugueses»<sup>3</sup>.

Sousa Carrusca, por seu turno, articula *Breves Notas* sobre os seus difíceis tempos de prisioneiro de guerra e curva-se também, a pedido de Teófilo Braga, perante todos os que pela pátria se entregaram:

"Bem hajam, pois, todos aqueles que souberam sacrificar o amor da própria vida pelo amor da Pátria! Bem hajam os bons soldados que, em todos os transe da guerra, quiseram e souberam guerrear bem alto o nome de Portugal!<sup>4</sup>"

### **Pelos meandros dos fascículos**

Numa aproximação aos diversos volumes, verifica-se que se opta pela técnica do relato curto e diversificado de alguns acontecimentos ocorridos em tempos de luta ativa, sem cair na épica do elogio mas também sem rememorações de faltas e desalentos que todos sabemos terem existido dadas as condições políticas no país (primeiros anos da República, sidonismo), e com algumas difusas censuras à indiferença inglesa perante os seus antigos aliados.

Dois acontecimentos chave merecem repetidas e longas referências: antes de mais a batalha de La Lys, não apenas na data de 9 de Abril mas a propósito de

---

<sup>2</sup> A GUERRA. 1, 5.

<sup>3</sup> A GUERRA: 1, 6.

<sup>4</sup> A GUERRA. 1, 11.

algumas individualidades e lembranças factuais, e a celebração do armistício.

Uma preocupação continua no ar, a presença portuguesa em África e, lá mais para o final, as ameaças de Hitler e do «bolchevismo».

Acontecimentos e pressentimentos, aliás, alguns deles muito presentes na Imprensa da época, quer para alimentar a dor pela maior derrota portuguesa, quer para pontuar possibilidades de um terror que se tornaria em breve seriamente justificado.

Os estatutos são criteriosamente analisados e, a partir deles, reforçadas as análises do que pode e deve fazer-se por aqueles que a Liga mais intenta não abandonar.

Enumeram-se e descrevem-se monumentos aos mortos construídos em variadíssimos locais de Portugal, louva-se o zelo de autarcas que contribuíram com nomes de ruas para que se não esquecessem factos e personalidades e sobretudo no apuro das capas, mas, claro, não só, saúdam-se as grandes figuras de combatentes que chefiaram operações de relevo: Gomes da Costa, em vida e a quando da morte, pareceu-me o mais lembrado, apesar de compreensivelmente ser ao marechal Tamagnini dedicada a abertura do primeiro fascículo.

Curioso ainda salientar o rol informativo de espetáculos e publicações culturais de entre 1926 e 1932, talvez para não deixar esquecer que a vida continua, e a especial atenção prestada a livros e filmes sobre essa contenda que parecia não acabar.

\*\*\*\*\*

De um ponto de vista estritamente cultural, o nosso reconhecimento deveria centrar-se nas inúmeras e cativantes gravuras quase ou todas elas atribuídas ao pintor Sousa Lopes... que por opção artística decidiu durante largo tempo integrar-se nas trincheiras e dar forma visual ao que via ou ao que lhe era narrado, num estilo de época que muito enriqueceu, prosseguindo após a contenda a interessar-se pelas figuras que anteriormente tinha conhecido.

A verdade, porém, é que esse atraente estudo está criteriosamente feito e apresentado numa tese de Mestrado, orientada por Raquel Henriques da Silva, que pode consultar-se na Biblioteca Nacional.

Quando assim escrevo, não pretendo, claro está, insinuar que a tal trabalho deitaria mãos; elas, na verdade, estão apenas vocacionadas para as letras mas, desde já tento prevenir os leitores que esteticamente não muito irão encontrar no frente a frente com o corpus poético que algumas vezes se reduz a um emaranhado de queixas.

Mesmo assim vale a pena tentar escutar os versos mais tristes do que alegres, como é óbvio, que *A GUERRA* traz até nós, sejam eles mais populares ou mais cultos, anónimos ou de reconhecida autoria.

Adianto já que não consegui identificar a maior parte dos autores, admitindo até que em alguns casos esteja perante pseudónimos. Penso, por exemplo, num Major Subtil que muitos sonetos escreveu (o soneto, estranhamente, é aqui a forma poética mais utilizada) e parece ter alguma preparação literária.

Nomes meus conhecidos apenas os de Silva Tavares (1893-1964), António Botto (1857-1957), Carlos Selvagem (1890-1973), António Correia de Oliveira (1879-1970), Júlio Dantas (1876-1962), Alice Moderno (1867-1946) e António de Cértima (1894-1983).

Disponhamo-nos, então, a escutar em primeiro lugar uma combinação de pesares que, direta ou indiretamente sacodem a alma dos que, para a luta, partiram sãos e entusiastas e, ao regressar, se encontram doentes e desanimados.

Ou seja: confrontar o fervor patriótico dos expectantes soldados com a triste invalidez que os acompanhará até ao fim da vida, após um violento e brutal embate que, da esperança, os empurrou para a agonia da incapacidade e da indiferença do seu povo.

Em *O mutilado de guerra*, o militar «Com o desejo só de engrandecer/O seu muito querido Portugal /Combatia com um denodo tal,/Que provava de herói descender», e venceu mas à pátria regressou sem um pé e restou-lhe a oferta de uma vida inútil em que «por aí anda de muleta».<sup>5</sup>

Recapitulemos em direto parte dos compreensíveis queixumes:

*E venceu tendo à Pátria regressado  
Sem um pé que letif'ra lanterneta  
Num bombardeio, lhe cortou, coitado!*

*Foi num árduo serviço de vedeta,  
Que teve este desastre o mutilado,  
Que agora por hi anda de muleta»<sup>6</sup>.*

Paralelamente, n' *O Invalido de guerra*, do «serrano» em campanha «Era só seu desejo uma façanha/Cometer, mas que fosse grande, bela». Foi um «valente», «um herói», mas adquiriu um mal incurável, ficou «completamente inválido» e

<sup>5</sup> *A GUERRA*. 7, 2.

<sup>6</sup> *A GUERRA*. 7, 2.

para sempre «sobremaneira sucumbido»<sup>7</sup>.

Embora mais longamente descritivos, encontramos *A Herança do Mutilado* de Silva Tavares e *Frizo* de António Botto.

No primeiro dos poemas trata-se fundamentalmente de um regresso do combatente que os «serranos» seus amigos saudaram com festejos e sorrisos; só que, sem o braço que tinha perdido, como trabalhador rural que era, anulava-se toda a hipótese de ele ganhar a vida; desalentado, reserva como herança para o filho a cruz de guerra que ganhara, com o pensamento em Cristo crucificado a quem se alia na dor quedando-se «dormindo o eterno sono». A dita cruz fica, no entanto enaltecida como o maior dos tesouros que um pai legar ao seu descendente: «Tão grande, meu amor, /que trabalhando embora a vida inteira/ e acumulando oiro,/ não seria maior;/-Nunca teria maneira de deixar-te um tal tesouro!...».

A cruz merece ser amada:

*É da melhor, porque a ganhei na guerra  
Para servir o nome que te lego,  
E p'ra tornar mais grande à nossa terra*<sup>8</sup>.

O *Frizo*, por seu turno, é, entre estes textos, o único narrado na primeira pessoa: de si próprio, diz o autor que foi um jovem feliz e amado até ser chamado para assentar praça; na guerra andou como «Triste náufrago luziada/ Em lodo e em sangue atolhado» e, no regresso, vinha «pálido, partido» com a tristeza de que, como diz, «Nem a pátria me socorre».

Eis parte da lamentação:

*Andei na Guerra  
-Triste naufrago luziada-  
E m lodo e em sangue atolado,  
E ao cabo de longuíssimo tormento,  
Volto,  
Com a certeza  
De que ninguém,- nem a Patria me socorre,  
Assim pálido, partido...  
E a voz quebrou-se, quebrada por um gemido...<sup>9</sup>*

<sup>7</sup> A GUERRA. 8, 3.

<sup>8</sup> A GUERRA. 3, 1.

<sup>9</sup> A GUERRA. 4, 27.

Finalmente o anónimo *Invocação* pode talvez ser entendido como a espera de um futuro incerto porque a «Os corações doridos» a «Os pobres perseguidos» se clama: «Vinde d'aí comigo, ó pálidos vencidos, /ó almas retalhadas, ó corações batidos,/ vinde a lutar de novo por nosso Portugal.»<sup>10</sup>

\*\*\*\*\*

Se, para os mutilados, *A GUERRA* tem palavras condoídas de lamento e velada censura ao abandono da sociedade, também naturalmente para os mortos há o choro da perda, embrulhado em saudade e gratidão pelo patriotismo.

E também neste caso os modelos diferem no quadro do mesmo tom de amargura e adeus.

Em *O Primeiro Morto*, Alfredo Barata da Rocha coloca-se na posição de quem observa com tristeza um jovem sem vida que parecia apelar para sua mãe e inteiramente desprotegido: «Ficaria para sempre em terra estranha!/E o olhar revelava a dor tamanha/De não sentir a acalentá-lo alguém!...»<sup>11</sup>.

Escreve então:

*Olhei a sua face...Era ao sol-pôsto...  
Adormecera em derradeiro sono...  
E tão novito, que tristeza!..O rosto  
Tinha a côr da folhagem no outono...*

A este soneto segue-se um conjunto de oito quadras separadas onde J. de Vilafonte (pseudónimo?) recorda *O Cavaleiro* a quem o poema, aliás, é endossado. O Pedro Corte Real, vê-o primeiro «cavalgando alegremente», despertando os desejos das damas que ia conhecendo por terras de Espanha e de França e batalhando «numa bravura inegalada e louca»; em seguida entristeceu-se com a sua prisão pelos «rivais que venceu» e finalmente conta, acutilado pela dor que «o esbelto Cavaleiro da Aventura,/Entre inimigos mil,/Lá morreu, devagar, rota a armadura/Nessa Manhã de Abril»<sup>12</sup>.

Por seu turno, Júlio Dantas parece contemplar em Glória um corpo do soldado perante o qual todos se vergam, sofrem e oram, começando pela própria mãe, mas sem se render a uma visão pessoalizada, como que acaba por enaltecer uma epopeia coletiva. Dirá então, a terminar, «E, o quadro é triunfal:-

---

<sup>10</sup> *A GUERRA*, 38, 9.

<sup>11</sup> *A GUERRA*, 1, 15.

<sup>12</sup> *A GUERRA*, 27, 13.



/A Pátria/Gloriosa, santificada,/A Pátria,/É quem vibra ajoelhada,/E o soldado é - Portugal.»<sup>13</sup>.

«Ausentes há que sempre estão presentes»: assim reza o primeiro verso de um soneto de Alice Moderno, intitulado *Os Nossos Mortos*, sem data mas que a inclusão num dos últimos números da revista e a dedicatória à Marechala Gomes da Costa me leva a supor ter o seu ponto de partida no falecimento de Gomes da Costa.

Nele se retém um passado comum entre os que vivem e os que já partiram, um passado de alegrias e dores que a saudade, «mal que sempre dura», sempre irá prolongando no coração dos que ficaram<sup>14</sup>.

Começa assim:

*Ausentes há que sempre estão presentes,  
Que o nosso olhar distingue, a quem ouvimos,  
Por comprazer, sorriem, quando rimos,  
E são das nossas mágoas confidentes.*

E termina com este terceto:

*- Não morreram, porém, inteiramente,  
Vivem em nós, inalteradamente  
Que a saudade é mal que sempre dura<sup>15</sup>.*

Foram muitos os mutilados e os mortos, inspiraram versos de mágoa, de exaltação, de enlances entre a recordação amiga e a revolta pela perda, de solicitação ao encaixe na memória, de firmeza no agradecimento pelo dom da vida.

São para eles e por eles a maioria dos poemas d'*A GUERRA*.

\*\*\*\*\*

Há, no entanto, outros tópicos que mereceram a atenção dos que ao verso recorreram para não deixar apagar os vestígios de males que se não desejam repetidos.

É, por exemplo, o caso de um João d'Ourique que, num soneto sem data, a que chama exatamente *A Guerra*, repassa pelas ruínas que «a humana fera»

---

<sup>13</sup> *A GUERRA*. 37, 9.

<sup>14</sup> *A GUERRA*. 68, 15.

<sup>15</sup> *A GUERRA*. 68, 15.

multiplicou pela Europa e convoca-nos para as «cidades derrubadas», para o saque às bibliotecas de Lovaina, para as marcas da fome e do sangue nas estradas, enfim, para uma «sementeira da desolação»<sup>16</sup>.

Mas há também marcas íntimas que, se não arruínam os fortes soldados, lhes trazem momentos de abatimento porque têm a ver com a separação dos seres queridos.

Em *Despedida*, de Carlos Negrão, é a dor do embarque que metaforicamente se exalta considerando que «A água que tem o mar /É das lágrimas sentidas,/ Choradas nas despedidas,/Quando alguém vai embarcar»; no alto mar, as estrelas «Têm um olhar diferente/ marejado de Chorar», pela viagem «Os mastros rangem queixumes» e o viajante forçado vai prometendo a si próprio que, se voltar à sua terra lhe há-de beijar o «chão»<sup>17</sup>.

Diz o poeta:

*Embarcar é ir embora;  
É, talvez, nunca voltar.  
Esta palavra embarcar  
Até parece que chora.*

Depois, lá longe, há a força da saudade que inquieta e rouba a paz; tem jus a uma sentida expressão n'*A Carta do Soldado*, de Ayres Torres de Carvalho, e em três estrofes de Artur de Matos.

No primeiro caso, escreve um Manel à sua Maria contando como sente a sua falta e pedindo encarecidamente notícias de sua mãe que receia já não encontrar viva; «Índa é viva essa velhinha?...», pergunta angustiado<sup>18</sup>.

No segundo, *De Longe...*, exalta-se a coragem dos portugueses, reconhecendo que «Só a saudade/ que os faz chorar às vezes»<sup>19</sup>.

A segunda quadra do conjunto de três ensina-nos mais:

*Tu falas-me tristemente  
Do p'riço que aqui se corre...  
Que importa morrer a gente  
Se o pensamento não morre.*

Da guerra e da nostalgia sabemos sobretudo os custos, as ansiedades, os

<sup>16</sup> A GUERRA. 31, 19.

<sup>17</sup> A GUERRA. 9, 3.

<sup>18</sup> A GUERRA. 31, 19.

<sup>19</sup> A GUERRA. 25, 14.

traumas; porém, poucas notícias temos dos que voltaram e se recompuseram, agarrando ainda uma sombra de felicidade.

Compreende-se porque ajudar os necessitados e suas famílias era um dos propósitos da coletânea que vimos analisando; interessava, pois, tocar nos corações pelo lado da compaixão, angariar ajudas e transmitir o reconhecimento pelos heróis que mais sofreram.

A exceção parece-me estar apenas numa composição popular de Luís Ribeiro, *Amor na Guerra*, onde voltamos a encontrar um Manuel e uma Maria que choraram a partida dele da sua aldeia da Beira e suportaram as dores da separação, embora atenuadas pelas juras amorosas que iam trocando; mas esse soldado que «na guerra foi alguém» teve a sorte de voltar são e salvo para os braços da sua noiva e de com ela casar «Na Capelita branca do logar».

*Em frente do altar,  
O repique dos sinos  
Espalhava, serra em serra, d'ôces hinos  
No seu harmonioso badalar!  
E um terno e lindo par de namorados,  
Em frente do altar,  
Ficava preso aos laços mais sagrados  
Perante a Cruz de Deus Nosso Senhor...*<sup>20</sup>

«E assim ficaram unidos, para sempre,/N'aquele risonho dia,/Estes nomes que são bem portugueses:/Um Manuel e uma Maria».

\*\*\*\*\*

Será agora o momento de a nós próprio nos aliviarmos desta incidência nas dores, nos custos, nas horas aflitas daquela gente que, em França, batalhou e sofreu, com mais ou menos êxito; sejamos capazes de sorrir um pouco com os momentos de humor que também fizeram questão de nos transmitir.

No número 37 da nossa revista um artigo intitulado *A Graça Portuguesa* congrega a nossa atenção para a existência de algumas letras paródicas divulgadas pelos nossos portugueses em terras francesas, mesmo durante tempos incertos ou até sobejamente arriscados.

Muitas delas, diz o articulista, foram coligidas pelo capitão de artilharia Almeida Russo no livro a que chamou *Arquivo Poético da Grande Guerra* (de

<sup>20</sup> A GUERRA. 69, 20.

duas delas já vamos dar contas), outras dispersaram-se pelos espólios de antigos combatentes e talvez venham ainda à luz do dia.

Destas, Nuno Beja recolheu um soneto anónimo, *Cá nesta França*, que cuidadosamente transcreve; narra-nos ele a «odisseia» de um oficial que «chega, com os ossos num feixe, ao hospital» e a quem é roubada por um «boche» «a mala e todas as roupinhas»; como tratamento, «dão-lhe pastilhas para a pança,/ tintura no coirão» e «oito dias depois sai alquebrado/ mais doente e mais falta de pitaça/que quando entrou p'ra lá, o desgraçado!». <sup>21</sup>

Mais risonhos do que este soneto, são, porém, conjuntos de estrofes que aparecem logo nos inícios d'*A GUERRA*, dois deles com data de 1918, um mesmo de agosto (logo, posterior a La Lys) e dois deles extraídos do citado *Arquivo Poético*; são estes redigidos no campo de prisioneiros de Bressen in Meclenburg; num deles vislumbra-se um internamento na Suíça, com a risonha hipótese de cortejar «Francesas, belgas, suíças/E as chiquitas de Hespanha», passando a uma vida regalada; no outro, troça-se comicamente de uma refeição no dito campo com «potage ao cachapim», espinhas de bacalhau, carne reduzida a ossos, pão nunca de trigo, queijo escuro e sem sabor, vinho aguado, charutos «marca cansado» <sup>22</sup>.

Na mesma página mais um soneto recolhe os suspiros de um combatente que muito leu e muito batalhou para ser reduzido à ridícula função de «remexer, junto das fornhalhas,/ batatas com feijões de caldeirada».

Eis três estrofes do soneto:

*Em velho e lamacento casarão  
Untuoso, empoeirado, apodrecido  
Contemplo do rancheiro embrutecido,  
O rosto enfarruscado e a suja mão.  
Aprendi a bater altas muralhas,  
Das sciencias percorri a longa estrada  
E li de Bonaparte as mil batalhas;*

*Na cinta tenho a banda, ao lado a espada,  
Para quê? Para remexer, junto às fornhalhas,  
Batatas com feijões de caldeirada» <sup>23</sup>.*

E terminamos esta listagem um pouco seca de poesias embrechadas nas

<sup>21</sup> *A GUERRA*, 37, 13.

<sup>22</sup> *A GUERRA*, 1, 14.

<sup>23</sup> *A GUERRA*, 1, 14.

prosaicas páginas d'A GUERRA com uma referência um tanto mais detalhada a um conjunto de dezoito quadras incluído no fascículo 24 e datado de 1927. Ao que tudo indica trata-se de uma composição extraída do volume *A Luz do Lampadário* da autoria do capitão Menezes Ferreira (1889-1936) também responsável, pelo texto e pelos desenhos, de um livro que deve ter tido algum sucesso, a julgar pelas reedições que conheceu (2003?) intitulado como *João Ninguém, Soldado da Grande Guerra*.

Menezes Ferreira participou no golpe republicano de 1910 e participaria numa conspiração contra o 28 de maio; entretanto combatera no CEP durante a guerra, e fora esforçado defensor de Angola.

Desta feita, é de Moçambique que nos fala, segundo indicação no final do final do poema com dedicatória «À sagrada memória do capitão Humberto de Athayde ferido cinco vezes em combate e que na Grande Guerra em Moçambique, pelo orgulho da sua farda, se suicidou em frente das tropas inglesas.»<sup>24</sup>.

Todos sabemos, repito, que a urgência de defesa das colónias (Angola e Moçambique) se impusera ainda antes de iniciada a luta na Europa pois não só os alemães como também os ingleses cobijavam de há muito os amplos territórios ligados ao mar e a outras potências com que importava repartir interesses.

Artigos em prosa, como ficou registado, por várias vezes nos prestam contas desses receios antigos (em 1927 já não seriam os germânicos a incomodar), mas em verso julgo ter encontrado apenas este poema de 18 quadras.

Estas são na sua totalidade um grito de alerta aos portugueses, personificados num soldado sepultado no Mosteiro da Batalha (O soldado desconhecido?) a quem se dirige à luz do Lampadário «o Herói desconhecido».

Revolta contra os cobiçosos do português solo africano («voltam de novo á terra apetecida,/as aves de rapina em hora incerta»), que importa defender, na fidelidade à memória dos antepassados e na veneração aos combatentes do presente.

Tanto se exaltam o Fundador (o mestre de Avis), o Infante Santo, o Príncipe Perfeito, que em África tanto se empenharam num passado remoto, como os mais próximos heróis da defesa de Angola e Moçambique; entre os primeiros vêm Salvador Correia de Sá (1602-1688) que aos holandeses retirara o controle da nossa província e Alves Roçadas (1865-1926) cujo governo tão longe fora.

No entanto, são sobretudo os que ao serviço de Moçambique deram as suas forças que positivamente se pontuam junto daqueles (os jovens?) que se querem instigar a manter ou salvar aquilo que outros tão bem souberam guardar.

---

<sup>24</sup> A GUERRA. 24, 11.

E eis que são abençoados os que derrubaram Gungunhana, Eduardo Galhardo (1845-1908) e Mouzinho da Albuquerque (1855-1902), este ainda com o mérito de afastar grandes potências da sua cobiça, os heróis de Marracuene onde tropas nativas foram sufocadas e adormecidas.

Algumas estrofes nunca serão esquecidas:

*África nostra:-Terra estremecida  
Os baixos apetites já desperta!  
Acorda sentinela adormecida!  
Soldado português, alerta ! alerta!*

.....

*Erguei-vos todos já para acusar  
Aqueles que, por ódio e por traição,  
Quiseram vender, trocar, alienar  
O santo património da Nação.<sup>25</sup>*

### **A despedida forçada**

É chegada a ocasião de colocar o ponto final neste circuito pelos muitos azares e algumas saudáveis aventuras dos desvalidos da tremenda luta há tão poucos anos (?) travada.

Crónica especialmente dos que a morte não levou mas que guardam marcas nos seus envelhecidos corpos e nas suas agastadas almas.

Como acima se anunciou, fixar-nos-emos nos últimos volumes da vasta coleção.

Em Agosto de 1931, discretamente inserido num diversificado painel de assuntos de atualidade, nem sempre mas prioritariamente sobre a guerra e as guerras, chega às nossas mãos uma breve mas inquietante e amarga notícia num breve texto intitulado *A Nossa Revista*. À semelhança do que se tem passado com outras publicações, *A GUERRA* terá de ser suspensa: «as artes gráficas estão passando por dificuldades tremendas não só devido à má de obra como também ao preço do papel que subiu cerca de vinte por cento»<sup>26</sup>.

«Vendo que *A Guerra* não apresentava saldo» «os corpos diretores da Liga resolveram suspender a Revista, ficando com um único órgão, *A Voz dos Combatentes*». Embora com muita amargura, os redatores comunicam então: «recolheremos a bastidores e dispostos a descansar um pouco, empregando

---

<sup>25</sup> *A GUERRA*. 24, 11.

<sup>26</sup> *A GUERRA*. 68, 2.

a nossa diminuta aptidão em trabalhos melhor coroados pelo êxito e mais produtivos»<sup>27</sup>.

Um mês depois, abre o número 69 (com foto do Doutor Hernâni Cidade na capa, ele que foi ainda meu professor em final de carreira na FLUL) com um diálogo entre dois amigos que recebe o apropriado título de *Não Há Verba* e começa com a indignada censura à recusa de Ponta Delgada em erguer uma estátua ao soldado desconhecido, esquecendo, como, aliás, fizera com Antero, o que realmente vale a pena reter e divulgar das lembranças materiais de uma pátria.

E remata o seu autor, Eduardo Faria, com esta desconsolada crítica à ingratidão de um presente empobrecido:

«A guerra, essa guerra que tantos querem esquecer, foi o cadinho onde tantas almas se temperaram; foi o vaso milagroso donde saiu mais forte o espírito de iniciativa, da «malta das trincheiras» ou dos «lanzudos de África», foi sobretudo uma escola onde os mestres se expunham também dando o exemplo e sabendo manter, sempre, o inicial espírito de camaradagem»<sup>28</sup>.

A contrapor-se ao desejo de perpetuar o esforço imenso, há o argumento.... de não haver verba»<sup>29</sup>.

Em outubro do mesmo ano, dois diálogos teatralizados insistem uma vez ainda no abandono a que estão votados os guerreiros corajosos de um passado tão próximo.

*O Passado, o Presente e o Futuro* transporta-nos ao Mosteiro da Batalha para uma troca de amarguradas lembranças entre «o combatente conhecido e a sombra do soldado desconhecido»<sup>30</sup>.

Cruzam-se os aplausos ao passado com as censuradas oscilações do presente; ávido de notícias, o desconhecido ora esboça uma enganadora vitalidade, ora se consome em penosas reflexões.

De acordo estão ambos quanto à grandeza dos que no Mosteiro jazem, depois de muito terem dado a Portugal e muito ensinam a quem a eles se junta. Por isso, o conhecido aconselha o amigo a que não pense muito nas «coisas d'agora» porque pouca importância têm e não merecem o interesse dos que muito lutaram pelo prestígio de Portugal.

No adeus,

---

<sup>27</sup> A GUERRA. 68, 2.

<sup>28</sup> A GUERRA. 69, 2.

<sup>29</sup> A GUERRA. 69, 2.

<sup>30</sup> A GUERRA. 70, 10.

*o vulto do combatente conhecido afasta-se lentamente, de olhar vago e passo incerto, e por sobre os tímulos paira a sombra fluidica do soldado desconhecido numa eterna hesitação entre as páginas estoicas do passado e a brutal realidade do presente.*

*O futuro pertence a outra geração*<sup>31</sup>.

Mas daquele atribulado presente, e ainda pela escrita de Eduardo de Faria, mais um testemunho dramatizado nos vem cativar para o desalento dos heróis/vencidos. Em *E, quando a guerra acabou*, dialogam um homem doido e um homem com siso, num manicómio «frio e desconfortável» onde «não há flores em jarras, nem quadros a animar o ambiente frio e desconfortável»<sup>32</sup>.

Trocam-se impressões e queixas, pedem-se notícias e recebem-se desoladoras respostas: muitos mortos, muitos estropeados, muitos feridos, muitos abandonados.

E se o doido só conhece a tristeza naquele desconfortável ambiente de gritos e lamúrias, o de siso que vive só e esquecido «no covil de feras onde vive a humanidade» de tudo está alheado e adivinhamos que vai agradecer a resposta positiva do enfermeiro ao pedido do louco: «ouça, ouça enfermeiro. Não lhe poderia cá dentro, arranjar uma vaga de maluco?».

Na derradeira aproximação à nossa revista (novembro e dezembro de 1931) podemos ainda recolher artigos comentados, poemas ligeiros, esboços dramáticos e outras notificações.

Entre os primeiros, salientamos *Balanço Final e Despedida*.

Começa o Balanço com uma recapitulação dos objetivos da publicação, que já eram nossos familiares, uma vez ainda com uma condenação angustiada do «círculo vicioso de isolamento» a que estavam votados os antigos combatentes, sem um elo que, de algum modo, os ligasse e fosse um veículo útil para se fazerem ouvir.

Foi assim que receberam com enorme alegria um órgão que, através da imprensa do país, podia dar voz aos seus queixumes, às suas necessidades, aos seus direitos de recompensa.

Tudo o que começa tem um fim, mas este fim não pode significar uma desistência da luta que vale a pena e para mais quando os objetivos de *A GUERRA* se podem ampliar n'*A Voz dos Combatentes*.

De seguida arrolam-se algumas proveitosas conseqüências da expansão da revista, repetindo parcialmente, embora noutra perspetiva, o significado do seu

---

<sup>31</sup> *A GUERRA*. 70, 5.

<sup>32</sup> *A GUERRA*. 70, 10.



êxito e aduzindo o seu papel na expansão da própria Liga.

Seguem-se os agradecimentos a todos os que com o seu talentoso esforço tornaram possíveis seis anos de aliança com os combatentes, com um rasgado e especial agradecimento a Eduardo de Faria, a quem muito ficou a dever-se na enérgica defesa dos que combateram denodada e patrioticamente.

A terminar, a crítica impiedosa aos que espalham o seu desprezo por esses «pobres homens esfarrapados e famintos» e esfregando as manábulas de contentamento» deliciam-se com os lucros que a guerra lhes trouxe «impando de arrogância e de fartura»<sup>33</sup>.

Foi sempre assim e, naturalmente, sempre assim será.

Identificadas as orientações mestras do artigo, recorramos ao contacto direto com alguns excertos do seu todo para assim mais iniludivelmente para nós se transporem as lições emocionadas do autor deste Balanço (Tenente Campos Rêgo):

*Antes de surgir esta revista viviam os antigos Combatentes da Grande Guerra num círculo vicioso de isolamento e numa abstracção ruinosa dos seus meios legítimos de defeza e não tinham o seu espírito colectivo devidamente criado e desenvolvido, por falta de um elo espiritual l que ligasse as suas vontades, estando, portanto, desarmados e indefesos contra as mil contrariedades do destino.*

.....

*Ora uma situação angustiosa como esta era – que alem de ser deprimente era até contradictoria com o brio e o prestígio da classe – tinha que ter um remédio conveniente.*

*Foi então que em Janeiro de 1926 a Direcção Central da Liga se dispôs a publicar esta Revista...*

.....

*As circunstâncias de natureza forçada que obrigam A Guerra a cessar a sua publicação por forma alguma devem ser encaradas pelos Combatentes como um sintoma de enfraquecimento dos seus recursos de defeza.....*

*Temos que ser justos e não desanimar;*

.....

*Por mim e para que eu possa falar com a certeza de interpretar fielmente o meu pensamento sobre êsse aspecto delicado da questão que interessa aos Combatentes, tenho forçosamente de ser pessimista, tenho mesmo de insurgir-me contra este penoso estado de coisas em que vivemos, que é bem triste,*

<sup>33</sup> A GUERRA. 71-72, 34.

*desalentado e enervante, e que nos faz divisar um futuro cheio de pesares e  
desilusões.*

.....

*Quanto ao seu valor como documentário representativo do grau de  
cultura intelectual e do seu préstimo como publicação utilitária para o País,  
parecem-nos desnecessárias quaisquer considerações encomiásticas porquanto  
à vista de todos que conscientemente o quizerem apreciar, patentes estão os  
fructos benéficos da sua obra honesta de seis anos de actividade.*

.....

*Posso eu, pode mesmo outrem, afirmar que seja boa a situação dos  
Combatentes?*

E assim chegou A Despedida com as palavras de um face a face, entre a  
alegria e a tristeza, encomendado ao Prof. Hernâni Cidade.

Alegria porque muitos foram os que n'A GUERRA diretamente trabalharam,  
os que à sua leitura se dedicaram, os que a publicitaram e nela encontraram o  
companheirismo que os combatentes tanto necessitavam de reforçar.

Tristeza, e muito acentuada, pela escassez de meios materiais de que a  
Liga de há muito se vinha queixando e pela ausência de meios paralelos para  
acompanhar não apenas materialmente (a Liga não é uma associação de socorros  
mútuos, lembra-se) mas também culturalmente os homens das trincheiras.

\*\*\*\*\*

Não iremos contudo fechar a nossa divagação sem prestar contas de «um  
acto ligeiro de prosa rimada» representado em Cherburgo em 1918, após o  
regresso tão ansiado dos prisioneiros forçadamente libertados pelos alemães.

Trata-se de *A Ceia dos Aliados* e nele, após um prólogo recitado por um  
Mutilado, conversam serenamente um francês, um belga, um inglês, um  
americano, um italiano e um português.

Do prólogo iremos repetir duas estrofes e também algo traremos à luz das  
saudações finais centradas num entusiasta elogio a Portugal por parte de todos os  
aliados, deixando pelo meio a sugestão de um colóquio onde cada interveniente  
se configura com o perfil social do país que simboliza.

Eis então duas impetuosas afirmações do Mutilado:

*A Guerra, é horrível!  
Não se apaga da memória,*

*A lembrança é bem sensível  
Da derrota ou da vitória.  
Supremo momento terrível!  
A decisão da Glória...*

....

*E no frágil parapeito,  
Que o fogo e ferro destrói,  
Assim expõe o seu peito  
O Soldado, o «Grande Herói».<sup>34</sup>*

*Levantam-se, todos, menos Portugal; pegam nas taças para beber, e  
homenagear Portugal)!!!*

*Hurrah! Companheiro sem igual!  
Bebâmos todos pelas glórias de Portugal!!*

*Portugal agradece e reconhece a sua grandeza  
Nome belo...Nome heroico sem rival  
Canticos dos Canticos...Sagrado nome de Portugal...<sup>35</sup>.*

\*\*\*\*\*

Termino com uma dúvida (?) e uma explicação.

Terei feito bem em concatenar tantos excertos de poemas? Não seria mais acertado, num curto artigo, resumir os seus conteúdos em prosa narrativa? Ainda penso que não; o contacto com as palavras dos que sofreram, viram ou ouviram da boca de quem viu é sempre mais interpelativo do que a voz de quem escreve à distância.

E, no caso de uma guerra, importa não apenas contar mas sobretudo comover e motivar para uma paz alicerçada nos flagelos de quanto se lhe opõe.

Deixei por isso falar quem mais tem esse poder, mantendo até uma antiga ortografia para menos afastar os que teimam em ensinar-nos valores que não podemos perder.

Artigo recebido em 02/08/2016

Artigo aceite para publicação em 30/10/2016.

<sup>34</sup> A GUERRA. 71-72, 14.

<sup>35</sup> A GUERRA. 71-72, 14.